



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**EVANIA CARLA BATISTA ARAÚJO**

**RELATÓRIO TÉCNICO DE PRODUTO MUDIÁTICO:**

**DOCUMENTÁRIO SAMBA DE COCO MESTRE ZÉ ZUCA**

**Campina Grande – PB  
2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**EVANIA CARLA BATISTA ARAÚJO**

**RELATÓRIO TÉCNICO DE PRODUTO MIDIÁTICO:**

**DOCUMENTÁRIO SAMBA DE COCO MESTRE ZÉ ZUCA**

Relatório técnico referente ao produto midiático apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Antônio Roberto Faustino Costa

Campina Grande – PB  
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663d Araújo, Evânia Carla Batista de.  
Documentário Samba de Coco mestre Zé Zuca  
[manuscrito] / Evânia Carla Batista de Araujo. - 2018.  
30 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba,  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino Costa ,  
Coordenação do Curso de Jornalismo."  
1. Documentário. 2. Dança. 3. Produto midiático. 4. Samba  
de coco de roda. I. Título  
21. ed. CDD 306.484

EVANIA CARLA BATISTA DE ARAUJO

DOCUMENTÁRIO SAMBA DE COCO MESTRE ZÉ ZUCA

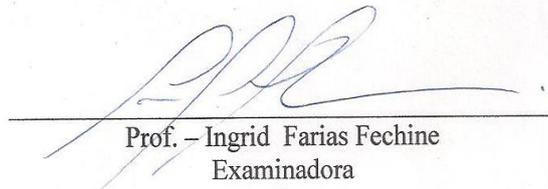
Relatório apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel do Título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Aprovado em: 13.12.2018

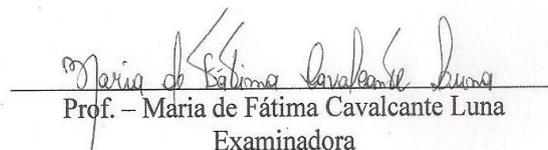
BANCA EXAMINADORA



Prof. – Antônio Roberto Faustino Costa  
Orientador



Prof. – Ingrid Farias Fachine  
Examinadora



Prof. – Maria de Fátima Cavalcante Luna  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Aos queridos Mestres do Departamento de Comunicação Social da UEPB, que ao compartilharem seus saberes, contribuíram no alastramento do meu processo de entendimento de mundo e de sua liquidez: Rômulo Azevedo, Maria Eugênia, Professor Moisés, Luiz Custódio, Sebastião Andrade, Cássia Lobão, ao meu querido e paciente orientador, Roberto Faustino - sempre muito solícito em ajudar. A minha família por todo apoio e história de luta pela sobrevivência nesse mundo cão. Em especial a minha mãe – Maria de Fatima Batista Oliveira - a quem devo meus dias. A minha inspiração diária para não desistir da guerra - Sarah Karolyne (filha espiritual e irmã). A minha eterna, vovó Nicinha, sempre se fazendo presente - seja qual for a colônia espiritual que esteja habitando agora . A meu pai - morador de boleia nesse país afora. Aos meus lindos sobrinhos (Kathimy, Kaio e Isaque). Ao meu padrasto José João, por ter conhecido minha mãe e respeitar sua história. Aos meus amados irmãos Claudia, Jose Filho, Catarina ( que me salvou com a ABNT). Aos examinadores da banca que reservaram seu precioso tempo para ouvir o que tenho pra falar sobre o coco de Roda Mestre Zé. E por último, a TV Itararé e equipe envolvida que me deu liberdade para conduzir este e tantos outros trabalhos - que protagonizam os fazedores de arte do nosso estado e tudo quanto é manifestação cultural que daqui ganham salas, palcos, ruas, becos, vielas e mundo.

“Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.”

(FREIRE, [1969] 1992, p27)

## RESUMO

Este trabalho consiste na elaboração de um filme documentário pensado para TV, sobre o grupo Samba de Coco Mestre Zé Zuca. O recorte espacial - e o município de Queimadas -PB , mais precisamente - as comunidades rurais que abrange os sítios Sulapa, Campo Comprido e Verdes. O grupo é constituído por tocadores e dançarinos e dançarinas que reproduzem desde o início do século passado, a prática coquista e cirandeira, trazida por algumas famílias das cidades de São Vicente Ferrer, Lagoa dos Gatos e Cupira-PE. O Samba de Coco Mestre Zé Zuca, tenta mostrar a dimensão de como estas expressões culturais atravessaram o século e se apresentam vivas, resistindo e passando conhecimento de seus antepassados através da música, poesia oral, canto e dança as futuras gerações.

**Palavras-chave: Cultura. Coco. Ciranda. Música. Dança.**

## ABSTRACT

This work consists of the elaboration of a documentary film thought for TV, about the group Coco de Roda Mestre Zé Zuca. The spatial clipping - and the municipality of Queimadas -PB, more precisely - in the rural communities that covers the Sulapa, Campo Comprido and Verdes sites. The group is made up of resident players and dancers who reproduce from the beginning of the twentieth century the practice of cocaine and cirandeira, brought by some families from the cities of São Vicente Ferrer, Lagoa dos Gatos and Cupira-PE. The Samba de Coco Mestre Zé Zuca tries to show the dimension of how these cultural expressions crossed the century and present themselves alive, resisting and passing knowledge of their ancestors through music and dance for future generations.

**Keywords: Culture. Coco. Ciranda. Music. Dance.**

## ***LISTA DE FIGURAS***

<b>Figura 01</b> – Geraldo Preto no roçado no sítio Sulapa	18
<b>Figura 02</b> – Geraldo preto com seus filhos e netos no terreiro de casa.	19
<b>Figura 03</b> – Dona Iracema na porta de casa no Sítio Verdes	19
<b>Figura 04</b> – Dona Iracema, Dona Maria Silva, Dona Maria Conceição	19
<b>Figura 05</b> – Seu Severino um dos coquistas mais antigos do grupo	20
<b>Figura 06</b> - Novena de Terno em 19 de janeiro de 2013.	20
<b>Figura 07</b> –Hasteamento da bandeira de São Sebastião.	21
<b>Figura 08</b> – Roda de samba de coco na Novena de Terno.	21
<b>Figura 09</b> - Arte da capa do documentário Samba de Coco Mestre Zé Zuca.	22

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1.1 O Coco Em Queimadas.....</b>	<b>10</b>
<b>2. ORÇAMENTO PRELIMINAR .....</b>	<b>13</b>
<b>3. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....</b>	<b>14</b>
<b>4. DETALHAMENTO TÉCNICO .....</b>	<b>15</b>
<b>5. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>
<b>8. ANEXOS.....</b>	<b>24</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Difícil precisar as origens culturais dos cocos no nordeste já que nos sobram tantas expressões plurais de herança africana resultante das mais diversas etnias negras trazidas para o Brasil através de povos escravizados. Em solo não tão gentil, mesclou-se conhecimentos orais das mais diversas etnias negras, de comunidades indígenas que aqui viviam e também europeus - dando origem, ao longo do tempo, a múltiplas práticas de dança, poesia e música.

Estudos desenvolvidos na segunda metade do século 20 e 21 evidenciam características comuns a várias formas de expressão de matriz africana que se fundamentam na palavra cantada. Geralmente acompanhados por tambores e outros instrumentos, palmas e passos que dão ritmo, marcam as melodias. Muitas são as variações e formas de expressão cultural que um dia aqui chegaram - e se estabeleceram em meio a outras já existentes. O coco, ou melhor, os cocos, são encontrados em vários estados da região nordeste. Na Paraíba e Pernambuco são referências significativas. Os versos passados de geração em geração se perpetuam num tipo de brincadeira, no improvisado - que também podem ser compreendidos enquanto celebração, festa comunitária.

É uma prática coletiva que envolve, na maioria das vezes, homens e mulheres, idosos, jovens e crianças de todas as idades. Existem alguns pólos de resistência no estado da Paraíba (Alagoa Grande, Pilar, Cabedelo, Queimadas, Santa Rita e João Pessoa). Cantadores e dançadores são acompanhados ora por instrumentos de percussão como ganzá, bumbo, zabumba, etc., ora por palmas ou pela batida dos pés que marcam o andamento.

Pesquisas acerca do coco e outras manifestações culturais do nordeste, não são de agora. Os estudos sobre a prática de coco de roda foram valorizados e apoiados até os anos 30 com a enorme contribuição de Mário de Andrade e sua missão, viagem ao redor do Nordeste, realizada entre 1928 e 1929, em busca de um conhecimento profundo da cultura popular brasileira. Segundo o autor (1984), “A literatura dos cocos”, estudo publicado em os cocos, refere-se à dificuldade de precisão mediante nomenclatura:

Antes de mais nada convém notar que como todas as nossas formas populares de conjunto das artes do tempo, isto é, cantos orquestricos em que a música, a poesia e a dança vivem intimamente ligadas, o coco anda por aí dando nome pra muita coisa distinta. Pelo emprego da palavra é meio difícil a gente saber o que é coco bem. O mesmo se dá com ‘moda’, ‘samba’, ‘maxixe’, ‘tango’, ‘catira’ ou ‘cateretê’, ‘martelo’, ‘embolada’ e outras. [...] Coco também é uma palavra vaga assim, é mais ou menos chega a se confundir com toada e moda, isto é, designa um canto de caráter extra urbano. Pelo menos o que afirmou um dos meus colaboradores que muita toada é chamada de coco. (1984, p.347).

O coco se apresenta em diversas localidades do estado da Paraíba. Indo do litoral ao interior. E por isso, para não incorrer em equívocos, devemos ter o zelo de atribuir-lhes um tratamento plural, por toda sua multiplicidade. A musicalidade de origem africana marca o coco com seus instrumentos de percussão, que utiliza o canto do tirador em versos curtos e repetitivos para embalar a dança sempre coletiva em formato de rodas ou filas. Em algumas rodas os tocadores encontram-se no meio, enquanto os dançarinos utilizam movimentos influenciados pelos bailados ritualísticos indígenas, com suas pisadas bem firmes e marcadas.

De acordo com pesquisas foram alguns séculos para ser difundido em alguns estados do nordeste, recebendo muitas denominações que designam algumas das suas principais características, por vezes, relacionadas aos fatores estéticos que o compõe (umbigada, roda, embolada, etc), como também relacionados ao lugar onde surgiu ou era praticado (mata, usina, praia, etc), sendo que, um mesmo coco pode apresentar sons e passos de outro. O canto executado no coco é bastante variável, o tirador geralmente é um músico que puxa as cantigas e espera a resposta do coro dos dançarinos ou de outro músico que o acompanha, com versos de poucas estrofes repetidos muitas vezes, que após tanta repetição leva-os a improvisar modificando partes do verso original da canção. Sobre isto, Cascudo diz em Literatura Oral no Brasil:

Não há samba, batuque, coco (com seus muitos nomes, como de umbigada, coco de praia, coco de roda, coco de ganzá, etc.), sem o canto, solista, sempre com o ganzá, maracá, cheque cheque, e todos os dançarinos respondem no refrão. Há, para o solista, o “tirador”, liberdade de improvisação, com os regressos lógicos à linha de solfa. A rima pode ser dispensada nos versos de permeio (1978,p.47).

## 1.1 O Coco em Queimadas

O município de Queimadas possui aproximadamente 42 mil habitantes – dados IBGE 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), - e situa-se no agreste paraibano a quase 20 km de Campina Grande. As comunidades rurais nesta cidade são muitas, e, foram a partir delas que demos início a esta pesquisa que a princípio seria apenas uma matéria jornalística de pouco mais de 4 minutos e culminou em um documentário para televisão. Entre elas destacam-se as que estão inseridas nos sítios Verdes, Campo Comprido, Capoeira e Sulapa, onde são praticadas o coco, a ciranda e a novena de terno por grande parte da sua população.

De acordo com os relatos contados pela maioria das pessoas entrevistadas, o coco de roda e a ciranda foram trazidos pelo pernambucano Severino Manoel de Souza da cidade de São Vicente Ferrer - PE, que casou com a queimadense Maria Olga da Conceição e vieram morar no sítio Verdes ainda no início do século XX. Da união matrimonial, em 1912 - nasceu José Severino de Souza o homem - reconhecido localmente - como o responsável por difundir o coco e a ciranda nas comunidades rurais. A herança foi de seu pai e tios que tocavam e dançavam nas festas que reuniam a família e vizinhança.

O coco de roda também era executado nas caieiras (forno de tijolos artesanais), servindo como música de trabalho da madrugada até o virar do dia, estendendo-se aos terreiros em momentos festivos. Em 2008, um grupo de 20 artistas - moradores das comunidades rurais - intitulou-se como Samba de Coco Mestre Zé Zuca, em sua maioria idosos, tendo como referencial Maria Iracema da Conceição, irmã de Zé Zuca, comumente chamada por Dona Cema – Vencedora do Prêmio Culturas Populares do Ministério da Cultura em 2009, como mestra de Coco.

Em 1986, parte (falece) Zé Zuca - e com isso o coco foi perdendo sua representatividade nas comunidades. Se fazendo presente apenas em algumas datas comemorativas e no ritual sagrado denominado de Novena de Terno – na qual o coco resiste e permanece. Todos os anos se faz presente de modo indispensável.

A novena é um momento de agradecimento às promessas realizadas para os santos católicos, em especial, a novena de São Sebastião acontece há 37 no terreiro de José Jaime e sua esposa Maria Eusinete. O grupo de coco é quem dá a cadência, conduz

à procissão que faz parte da novena e revezam a musicalidade com o coro das pessoas que vão atrás deles. A banda toca e quando para, todos cantam o hino do padroeiro da novena, entre outras canções religiosas.

Em 19 de Janeiro (véspera de São Sebastião) no Sítio Capoeiras, o dia é reservado a Novena de Terno, que reúne os fiéis da região e das proximidades para cultuarem ao santo. Terno é o nome dado ao grupo de músicos que tocam instrumentos em sua maioria de confecção caseira e artesanal. Objetos de valores sentimentais e culturais como tambores, onde o intuito é nas novenas recolher ofertas do público para o padroeiro da comunidade, como esse ritual faz parte da novena, dar-se o nome novena de terno. Durante a novena Reúnem-se o Samba de Coco Mestre Zé Zuca e a Banda de Pífano de Sr.Braz, que juntos realizam a dança de coco de roda e coco furado, interagindo com o público.

O Samba de Coco Mestre Zé Zuca é formado por 24 pessoas entre homens e mulheres e jovens. A maioria dos integrantes é formado por pessoas com mais de 60 anos que amam a dança e que reconhecem a importância da atividade cultural para o município, as apresentações são divididas em duas partes: a ciranda e o coco furado.

Muitos deles são cantados na brincadeira do coco e, ao se instalarem no ritual religioso, mesmo que sua temática aparentemente não tenha nenhum traço sagrado, se configuram como pontos. Pode-se afirmar que se tornam cânticos religiosos. (AYALA;SILVA,MIN SILVA,M.J. 2015, pg 190)

O coco de roda destas comunidades consiste em duas modalidades de dança: coco ou samba de coco - sincronia coletiva; coco de “magúí”/“mergúí” ou furado - desafio coletivo com manifestação individual sequenciada aleatória; e a ciranda – coletiva não sincronizada. A música é executada por uma banda geralmente formada por cinco músicos, que utilizam canto, zabumba, ganzá,pífano, prato, e tarol. As letras das canções possuem um caráter singular, A expressão “terno”, deriva da Zabumba – instrumento de percussão que guiava as procissões na zona rural de Queimadas, PB.

Entre os cocos mais executados pelas comunidades, estão os chamado Coco de mergulho ou furado: um dançarino sai da roda e o convida outro para o centro da roda e assim sucessivamente. O furado mantêm a mesma dinâmica do coco de mergulho, sendo considerados os mesmos pela comunidade.

É importante ressaltar que toda a área que compreende as comunidades anteriormente mencionadas, possuem ligações intrínsecas com o coco de roda, onde vários

indivíduos – dançarinos e músicos; executam sua arte nas datas religiosas e comemorativas, mesmo não fazendo parte do grupo Mestre Zé Zuca. A ideia do documentário é apresentar um pouco essa relação das comunidades com o coco - por meio de depoimentos coletados com os integrantes do grupo, a exemplo de Dona Iracema, popularmente chamada de Cema (tocadora e dançarina mais antiga do grupo), Geraldo Preto (tocador e dançarino) e também observar de que modo esta expressão cultural é passada e percebida pelas futuras gerações.

## **2. ORÇAMENTO PRELIMINAR**

O trabalho foi desenvolvido entre os anos de 2012 a 2015 - período que fui colaboradora da Tv Itararé (Afiliada Cultura), e todos os gastos foram custeados pela emissora - já que se trata de um produto televisivo pensado e desenvolvido para ser exibido na mesma. Embora a equipe responsável não tenha formação em audiovisual, todas as etapas foram realizadas pelos profissionais que fazem parte da emissora - não havendo contratação externa para nenhuma etapa este tipo produção.

As gravações ocorreram todas no município de Queimadas - nas comunidades rurais Sítio Verdes e Sulapa e na zona urbana, o que, de certo modo, facilitou nosso deslocamento, não havendo custo com hospedagens - considerando que Campina Grande fica a 20 km do município.

No mais, como cumpríamos horários já formalmente estabelecidos pela rotina diária de produção jornalística da redação da emissora, também não houve custos com alimentação. O tempo utilizado para as gravações externas - era o tempo destinado, rotineiramente, as pautas voltadas para produção de matérias jornalísticas da grade cultural da emissora.

### 3. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

<b>Pesquisa</b>	<b>Abri/2012</b>	<b>maio/2012</b>	<b>agos /2012</b>	<b>Dez2012</b>	<b>Jan/203</b>	<b>Nov/ 2013</b>	<b>Dez 2013</b>	<b>Jan/205</b>
<b>Marcação entrevistas</b>	<b>X</b>	<b>X</b>						
<b>Produção</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>		<b>X</b>			
<b>Entrevistas</b>	<b>X</b>	<b>X</b>		<b>X</b>	<b>X</b>			
<b>Gravação novena</b>					<b>X</b>			
<b>Edição</b>						<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>Finalização</b>							<b>X</b>	<b>X</b>
<b>Exibição</b>								<b>X</b>

#### 4 . DETALHAMENTO TÉCNICO

Samba de Coco Mestre Zé Zuca é um documentário com duração de 24 mim que tem como tema o coco de roda nas comunidades rurais do município de Queimadas PB.

A narrativa baseia-se em depoimentos de participantes do grupo, misturadas à rotina diária de alguns deles, em especial, Dona Iracema (tocadora e dançarina mais antiga do grupo), Geraldo Preto (tocador e dançarino) – ambos, irmãos de Zé Zuca, considerado pela comunidade, o responsável pela difusão da arte coquista em todo o perímetro rural da cidade.

A ideia do documentário se deu a partir de idas ao município para a produção de uma reportagem sobre o coco de roda a ser exibida na TV Itararé, no programa de diário de jornalismo cultural, o Diversidade. Partindo dessa oportunidade, foi chegada a conclusão que em apenas uma matéria de pouco mais de 4 mim não seria possível explorar tamanha riqueza daquela manifestação. Correríamos o risco do desperdício de conteúdo, e, sobretudo, de deixar de fora o que de fato o coco representa para essas pessoas - a partir da fala delas, em detrimento, da interferência de um narrador presente - que seria o repórter com seu texto.

Muitas vezes, o documentário é confundido com a reportagem. Afinal, ambos procuram tratar seus temas de forma aprofundada, apoiando-se na realidade imediata e no registro de imagens, falas, gestos, diálogos e expressões. Essa “interseção” entre ambos os gêneros contribui para que ocorram distorções na classificação dos documentários.

Jean-Jacques Jaspers, na sua obra *Jornalismo televisivo*, destaca que o documentário “fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem esconde esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade” (JESPERS, 1998, p.175).

O documentário resulta de um olhar pessoal sobre determinado fato, acontecimento, assunto ou tema, baseado no ponto de vista do documentarista. É uma obra de autor, com premissas e estética particulares. A reportagem, por sua vez, busca a formulação de um “retrato completo” sobre determinado fato, valendo-se de

procedimentos como a apresentação de diferentes pontos de vista e a utilização criteriosa das citações para criar o status de imparcialidade. (idem, p.175).

Enquanto também elemento narrativo e transição foram feitos o uso de performances (cantadas, tocadas e dançadas) dos participantes do grupo e da comunidade. Por se tratar de um documentário que nasceu a partir da produção de uma matéria - sua forma e condução muito se assemelha ao gênero reportagem, embora não haja interferência de um narrador em off, mas talvez sua objetividade e de certo modo, linearidade na montagem dos fatos se chegue a esse entendimento, especificamente na linguagem visual - enquadramentos utilizados, ângulos e movimentos de câmera.

Diferente da ficção em que o diretor dirige os rumos que o filme venha a tomar, o documentário é construído ao longo do processo de produção. Mesmo que se ganhe campo com o roteiro em mãos, o formato final somente se define com as imagens, edição e montagem.

## 5. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

Para execução deste trabalho foram necessários alguns anos para coleta de material, já que tínhamos que nos limitarmos à dinâmica de produção e disponibilidade de material humano e técnica da emissora, que por sua vez, abarcava uma série de programas e demandas, não dispondo de recursos necessários para este tipo de produto audiovisual.

As coletas dos depoimentos se deram ao longo dos anos de 2012 e 2013. Ao darmos início em 2012, a novena de terno já havia ocorrido, fazendo com que tivéssemos que aguardar o ano subsequente, para captação do ritual e assim finalizamos o documentário. Outra limitação que merece destaque foi à impossibilidade de termos uma ilha de edição com o tempo necessário para uma melhor decupagem (divisão do planejamento de uma filmagem em planos e cortes) de todo material produzido.

Nossa aproximação à comunidade se deu pelo Ponto de Cultura Cultura e Arte Popular Paraibana, de Queimadas. Sob a coordenação de Antonio França, que nos recebeu da melhor forma, nos apresentando aos participantes do grupo Coco de Samba de Coco Mestre Zé Zuca, e posteriormente, aos demais das comunidades rurais.

No primeiro momento, conhecemos seu Geraldo Preto e sua família em março de 2012. Formada predominantemente por agricultores e jovens estudantes agricultores, seu Geraldo é uma espécie de liderança do grupo cantador e tocador.



Figura 01 Seu Geraldo Preto no roçado de casa no sítio Sulapa



Figura 02 Geraldo Preto e família no terreiro de sua casa – (Foto still)

Dona Iracema, também agricultora e irmã de Geraldo - considerada a mais antiga do grupo - contribuiu através de relatos orais e de toda sua vivência - sobre a chegada do coco na região. Em sua casa também conversamos com suas irmãs; Maria da Silva e Maria Conceição.



Figura 03 Dona Iracema no terreiro de casa no sítio Verdes.



Figura 04 As irmãs Iracema, Maria Silva e Maria Conceição

Em maio de 2012, pudemos conhecer mais integrantes do grupo, a exemplo de seu José Severino - um dos mais antigos do grupo, e que destacou o lado do jogo da conquista na brincadeira do coco.



Figura 05 José Severino - um dos mais antigos do grupo

Em abril do mesmo ano, fomos à busca de pesquisadores, historiadores da região que pudessem contribuir na construção do documentário e que conhecessem de perto a manifestação. A realidade vivida pelas comunidades. Após conversas e coleta de materiais que pudessem ilustrar (fotos), fomos apresentados ao pesquisador e historiador Odoberto Candido, o também historiador Tiago Santos e a socióloga Josevani Andrade - ambos estudiosos do coco em queimadas, e moradores da cidade.

As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio de 2012.

Em junho, conhecemos o oficinairo de coco e ciranda do Ponto de Cultura, Adilson Tavares - que no ano anterior (2011), havia começado um trabalho com jovens, crianças e adolescentes na difusão e conscientização da importância do coco para a comunidade.

Nos meses que se seguiram de 2012, fomos conhecendo os sítios Sulapa e Verdes e filmando um pouco do cotidiano de seus moradores nos seus espaços. Apenas em janeiro em 19 de janeiro de 2013 (vésperas de São Sebastião), pudemos assistir e captar um pouco da tão falada e esperada - Novena de Terno - no sítio Capoeira. Um dos rituais mais singulares que ainda resiste do catolicismo popular na Paraíba e que tem o coco como condutor.



Figura 06 Novena de Terno em 19 de janeiro de 2013.



Figura 07 Hasteamento da bandeira de São Sebastião.



Figura 08 Roda de samba de coco na Novena de Terno.

No entanto, todo o trabalho de decupagem, edição e montagem só foram concluídos em novembro de dezembro de 2013. Era necessário o findar das atividades rotineiras dos programas diários e semanais da emissora, para entrar na ilha de edição sem hora pra sair. Pela facilidade que fui adquirindo ao longo da experiência adquirida na TV, eu mesma fui decupando, editando os depoimentos e já desenhando o rumo da narrativa que daria com todo aquele material que somavam quase 50 horas. Como participei de todo o processo, fui montando. Como mencionado anteriormente, pelo fato da equipe não ter experiência com esse tipo de linguagem audiovisual, os recursos estéticos da linguagem televisiva extrapolaram - a despeito do uso de imagens panorâmicas, zoom in e zoom out, close, etc...

Finalmente em janeiro 2015, o documentário teve sua primeira exibição na TV aberta, no programa Itararé Especial.



Figura 09 Arte da capa do documentário Samba de Coco Mestre Zé Zuca.

Quanto aos equipamentos utilizados:

01 câmera Panasonic mini DV CAM.

01 Microfone boom

01 Microfone Direcional de mão

01 Lapela

01 PC windows 7 com instalação do adobe premiere

01 HD externo 1TB

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi de enorme aprendizado profissional, e, sobretudo, pessoal, acompanhar uma expressão cultural tão singular na medida em que se configura com tantas pluralidades. O coco e a ciranda resistem ao tempo, a cultura da massificação e a invisibilidade. Para além da beleza, do artístico, o coco estabelece nas comunidades envolvidas, um caráter coletivo e comunitário.

. Em todo o nordeste, os cocos guardam fortes marcas de sua ancestralidade indígena e africana. Os versos tradicionais passados por várias gerações conservam-se nas brincadeiras, recriados no improviso, novas criações, enriquecendo e atualizando os repertórios dos grupos que mantêm os cocos como cultura viva. Vale ressaltar, que os cocos devem ser como um sistema cultural mais complexo, com mais sentidos e significados e contextos que não conseguem ser captados à primeira vista.

A difusão e a manutenção do coco como expressão cultural devem-se unicamente à sua resistência. É enfrentando dificuldades que os mestres coquistas passam grande parte de suas vidas sem apoio, apesar de sua arte possuir grande valor histórico, que persiste através dos tempos. Acreditar na cultura popular também como fonte no processo de desenvolvimento local. Conhecer a cultura local reforça a valorização bem como o incentivo, tal como a implantação efetiva de políticas públicas culturais tão urgentes.

O coco parece continuar sendo percebido, apenas como um extraordinário fenômeno de pesquisa e de riqueza material e imaterial, quando necessita do exercício de defesa e preservação que enalteçam os brincantes, seus familiares e principalmente que estimulem a participação das crianças para que esta prática não desapareça.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Os cocos*. Prep., introd. e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo, Duas Cidades; Brasília. INL/Fundação Pró-Memória, 1984, p. 347.

A BRINCADEIRA DOS COCOS. Direção de Elisa Maria Cabral. Coordenação da Pesquisa de Maria Ignez Novais Ayala. O vídeo recebeu o *prêmio Banco do Nordeste do Brasil* na XXIV Jornada Internacional de Cinema da Bahia. Salvador, 1997.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

AYALA, M.I.N.SILVA. Da brincadeira do coco a jurema sagrada.

<http://www.acervoayala.com/wp-content/uploads/2016/02/Cocos-Alegria-e-Devo%C3%A7%C3%A3o-livro-Parte-11-de-15-da-brincadeira-do-coco-%C3%A0-jurema-sagrada.pdf>. Acesso em janeiro de 2014.

[circuito 2017|2018 Na pisada dos cocos - issuu.com](#). Acesso em setembro de 2017.

JESPERS, Jean-Jacques - *Jornalismo Televisivo*. 1ª ed., Coimbra, Minerva, 1998.

# **ANEXOS**

## **SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS:**

- 1- Como conheceu o coco?
- 2- Quais são tipos de Coco?
- 3- O que o Coco é para a senhor(a)?
- 4- Poderia explicar a diferença entre os tipos de coco?
- 5- Porque tocar coco?
- 6- O que é a “Novena de Terno”?
- 7- A senhor (a) já ensinou o Coco alguém?
- 8- Como foi que o senhor(a) aprendeu a dançar e a tocar o coco e ciranda?
- 9 - Como está ocorrendo o ensinamento do coco de roda para as crianças?
- 10- Vocês dançam e tocam o coco nas festas familiares?
- 11- O que mais gosta no coco?
- 12- Ainda rola coco nas caieiras?

## **SEQUENCIAS DE GRAVAÇÕES**

### **Casa de Dona Iracema**

A ideia é deixa-la à vontade em seu cotidiano, cumprindo sua rotina normal.

Planos detalhes de mãos, expressão facial, perfil.

Planos abertos dela em seu espaço – casa, quintal, sua relação com os animais que cria.

Entrevistas (plano médio): Faremos entrevistas com ela e suas duas irmãs; Dona Maria da Silva e Maria Conceição.

### **Casa de Gerado Preto**

Interferir o mínimo possível na rotina do tocador. Deixa-lo à vontade, já que nos informou que pelas manhãs, passa maior parte do tempo no roçado e cuidando de seus animais.

Planos detalhes – Rosto, mãos, olhos.

Planos aberto e fechados – dele no roçado, da enxada arando a terra, animais no terreiro, Imagens de sua casa – configurando seu espaço.

Entrevistas (plano médio) – Geraldo Preto e seus filhos

### **Imagens da cidade de Queimadas**

- BR, movimentação na cidade, comercio, igreja, monumentos, placas de sinalização do município.

- Ao adentrar as comunidades rurais; uso da câmera no carro em movimento captando a paisagem campesina;

- estrada, carroças, comunidade, animais, riacho, casas, terreiros.

### **Captação de imagens Novena de Terno**

- Making off – preparação da festa

- Movimentação da comunidade (planos detalhes, olhos, mãos, indumentárias)

- Planos detalhes e subjetivos: bandeiras, santos, velas, mastro, fitas, fiéis rezando.

- Planos abertos e fechados - Entrada e saída do santo das casas

- Procissão – colocar a câmera de maneira subjetiva entre janelas, na estrada em meio as fies e participantes.

- Planos abertos e fechados – Grupo de coco conduzindo a procissão.
- Planos abertos e fechados - Hasteamento da bandeira, banda tocando.
- Planos abertos e fechados - roda de coco e ciranda, interação da comunidade através do dança e da música.

### **Captação de áudio**

Em todos os momentos foi solicitado que o microfone bomm permanecesse captando som direto. Falas e risos espontâneos da comunidade, além de ruídos naturais.

## **CRÉDITOS FINAIS**

**Produção :** Evania Carla – Celenia Souto

**Pesquisa:** Evania Carla

**Imagens:** Luiz Claudio – Anderson Leal

**Edição de Imagens:** Evania Carla – Arthur Macedo – André Ventura

**Montagem:** Evania Carla

**Captação de Áudio:** Expedito Junior – Gerailton Gomes

**Aux. Técnicos :** Expedito Junior – Gerailton Gomes

**Artes e Vinhetas:** Arthur Macedo

**Finalização :** Evania Carla - André Ventura

**Direção de Programação:** Saulo Queiroz

**Direção de Jornalismo:** Anchieta Araujo

## **AGRADECIMENTOS**

Grupo Samba de Coco Mestre Zé Zuca

Banda de Pifanos Beija-flor

Ponto de Cultura e Arte Popular Paraibana – Queimadas

Antonio França

Melissa Araujo

Celenia Souto

Odoberto Candido

Tiago santos

Josevan Andrade

Geraldo Preto

Dona Marinete

José Severino

Maria da Silva

Iracema Maria

Jose da silva

José Veloso

Adilson Tavares